

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

Silêncio sobre o “Largo dos inocentes”: modernização e esquecimento em Macapá.

SUZANA GOMES DA SILVA*

A comunicação consiste em algumas reflexões preliminares acerca das representações dos cemitérios no contexto social macapaense, bem como contribuir com os debates historiográficos sobre a morte. Tal tema não é novo na História, mas para a historiografia local requer uma análise acerca do assunto. Lucien Febvre (1993) aponta que de alguma forma, a tarefa do historiador é fazer com que os mortos tenham uma “voz audível” na sociedade de sua época e que cabe ao mesmo “dar vida ao passado”, munido de suas indagações e subjetividades para construir para além da sua época o entender sobre o que seria esse passado.

Nessa perspectiva, objetiva-se compreender como as tentativas de modernização urbana em Macapá vêm apagando a história e a memória do “Largo dos inocentes”, conhecido popularmente como “Formigueiro” situado atrás da Igreja de São José de Macapá, no centro da cidade. Utilizando-se de bibliografia pertinente ao tema (Philippe Ariès, João José Reis, dentre outros), a metodologia consiste em levantamentos bibliográficos, utilização de técnicas de História Oral, consulta a correspondências paroquiais e artigos de jornais. Assim, procura-se compreender como os espaços urbanos e sociais são transformados através do tempo e o estranho silêncio da sociedade macapaense sobre o “Largo dos inocentes”, um antigo “cemitério de anjinhos”, hoje praça e estacionamento mal cuidados.

Procuramos ao longo do trabalho fazer uma análise da possível existência de um cemitério em Macapá por volta da década de 1920 ainda que o mesmo transite apenas na mentalidade das pessoas. Os fatos que antecederam o nosso nascimento só é possível conhecê-lo mediante aos relatos daqueles que viveram o ocorrido, ou escreveram baseados em relatos de quem vivenciou tais acontecimentos ou ainda baseado em indícios que o fato existiu, e analisando dessa forma percebe-se que isso é à base da história o fato de estudar o passado, residindo também o grande problema da mesma, o passado não existe mais. Assim, o

* Acadêmica do curso de História Bacharelado 9º semestre, pela Universidade Federal do Amapá. E-mail: suzana_gomes.al@hotmail.com

estudo relacionado à morte e um tanto desafiador para a historiografia local, para melhor articular o diálogo se fez importante à técnica da história oral permitido assim conflitar com a problemática. Onde ira buscar indivíduos que estiveram atrelados em tal cenário em Macapá e guardão em suas memórias a presença de sepultamento atrás da igreja São José de Macapá.

Constatou-se uma variada documentação nos tombos da igreja que trata de aspectos relevantes para a história amapaense menciona inúmeros assuntos entre eles à quantidade de morte que havia a cada ano a partir de 1950 que nesse caso o cemitério já era presente menos onde eram depositados os corpos aquém dessa data. O que chama atenção é se formos analisar o contexto histórico pertinente aquele período compreende que por muitos anos a igreja foi à instituição política, econômica, cultural e social da nossa sociedade e esse modelo só muda de figura quando ocorre a consolidação da República. A partir de então estado e igreja tornam-se instituições autônomas no caso dos cemitérios muda-se as relações é o que Rocha (2001) chama de secularização onde a igreja católica é forçada a transferir o poder dos cemitérios ao poder municipal. O que não retira de cena totalmente suas atividades de permanecer desenvolvendo missas, terços tantos nos cemitérios quanto nas igrejas para os defuntos.

A igreja de Macapá em 1953 realizava missa no dia de finados e o interessante era o fato desses momentos serem compartilhados entre a igreja e o cemitério era um dia inteiramente dedicados aos ante queridos com muitas orações e preces em Macapá como o que se descreve na citação abaixo:

No dia de finados em Macapá houve missa no cemitério as 07,00 e às 19,30hrs. Foi rezado o terço, pronunciados sermões e dada a obsoluição aos túmulos. As associações religiosas participaram de todos estes atos em peso e com suas insígnias. O comportamento geral do povo foi satisfatório. A igreja, à noite, não houve novena. Teria sido inútil, pois todo o povo estava no cemitério (MARITANO 1979).

O mesmo fato foi observado também em 1949 em Oiapoque com algumas variações:

Dia de finados é um... desastre. Não há vocação, culto pelos mortos. O cemitério tem muro de cinta: todos os animais tem acesso livre alias são eles os únicos visitantes do cemitério durante o ano. Vive no cerrado, cheio de capim. As sepulturas são cavadas sem nenhum alinhamento e muitas permanecem sem cruz. Os mortos são levados para o cemitério como se fossem cachorros. No meio de conversas e gracejos, sem exéquias, porque, geralmente, não avisam o padre. Neste dia formam rezadas duas missas na igreja e uma no cemitério com pouca gente assistindo e umas 10 comungando... única obrigação que esta nossa gente sente para com os defuntos, é de acender milhares de velas e colocar muitas coroas de flores sobre as sepulturas(MARITANO,1979).

Sendo assim, em uma série de instituições a busca por informações da época em que Macapá se fazia vila e mais precisamente dos cemitérios como fator no convívio social da população encontrou-se ausente, nos levam a repensar a dimensão de como estão sendo banalizadas questões um tanto interessante para a historiografia amapaense, o que mais se verifica e a perda de informações dos mais antigos moradores principalmente dos mais antigos moradores que guardam em suas memórias fatos da história local que não se encontra escrito que permite focalizar os aspectos inusitados do cotidiano local e da vila como um todo. Porém, essas mesmas pessoas muitas delas foram acometidas por demências, fazendo-se debilitados ou ausentes o que contribui para a perda significativa da história de um período pouco documentada e os documentos que possui, grande parte concentra-se nos arquivos e bibliotecas do estado do Pará o que não impede o andamento do estudo.

Retornando a história amapaense analisa-se que a igreja está ligada a criação da própria vila de São José de Macapá fundada pelo então governador do Grão-Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado em 1758. As plantas da igreja foram traçadas pelo sargento-mor Manoel Pereira de Abreu e aprovadas pelo engenheiro Antônio José Landi, que acompanhava o governador da capitania, em seus trabalhos de demarcação do espaço português, na região. E desse modo, inaugurada em março de 1761 e sua construção é um exemplo do estilo de arquitetura que os jesuítas trouxeram da Europa, ainda no século XVI. Partindo desse diálogo observa-se logo em seguida da construção da igreja projetado no seu quintal o “Largo dos Inocentes” intitulado como “formigueiro” e também Passagem Barão do Rio Branco localizado hodiernamente no centro de Macapá, onde ao longo dos anos essa região foi habitada por inúmeras famílias e por volta de 1943 esse espaço foi ocupado por famílias ilustres da sociedade amapaense.

Cambraia e Lobato no livro rios de histórias (2013 p.73) discorre que as áreas pertencentes às vilas de Macapá e Mazagão, por conta de suas localizações, receberam cuidados especiais dentro dos estratagemas de localização e ocupação do estado português no Grão-Pará. As Terras do Cabo Norte inseriam-se na organização de propósitos geopolíticos de defesa e segurança de domínios territoriais contestados junto a Coroa francesa. Assim em 1808, foram realizados recenseamento nominais na vila de Macapá e Mazagão. Levantou-se um total de 304 núcleos familiares, 02 vadios sem domicilio certo, 394 pretos escravos, 312 pretas escravas, 26 mestiços, 24 mestiça. No censo aponta-se a idade, a cor e a atividade

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

4

profissional de cada membro das unidades-chefes de famílias, crianças, jovens, escravos e agregados. Observa que a população era pouco numerosa constituída em maior número por indivíduos da etnia negra.

Macapá era uma vila pacata onde na cidade a comunidade vivia principalmente da base de peixe e da farinha com a produção de Roças para a subsistência familiar sendo a principal moeda a troca de mercadorias entre as famílias. Observa-se que o “Largo dos Inocentes” é carregado de um valor histórico para a sociedade amapaense, pois o nascimento da vila de São José se fez presente naquela região congregando relações sociais, culturais, econômicas e políticas na antiga Macapá e mais ainda o forte sentimento arraigado na memória das pessoas que o mesmo tenha sido um cemitério onde foram sepultados crianças.

O exemplo, disso uma antiga moradora do Largo dos Inocentes D. Josefa que foi transferida do local depois que Janary Nunes começa com o projeto de urbanização de Macapá na década de 1940 comenta a existência do cemitério:

Tinha sim, ali tinha um cemitério acho que ali foi um dos primeiros... Aquela parte ali, eles usavam como um cemitério, e não morreu tanta gente porque era pouca era pouca aquele pedacinho ali... Depois que fizeram a igreja eu não gosto de repetir, tiraram os ossos e botaram no cemitério novo. Só ficou alguns, umas três sepulturas dentro da igreja e está lá o nome na pedra que colocaram né... Era o primeiro cemitério a cidade era pequena era dentro do cemitério.

Sabe-se que Macapá na década de 1920, era uma vila ainda com muitos problemas de infraestrutura, saneamento onde a saúde era ausente. Tais mudanças vão ser consolidadas quando a mesma é transformada em Território Federal e nomeia-se Janary Gentil Nunes como governador sendo suas principais metas sanear, povoar e educar. Assim, tinha o objetivo de desenvolver a cidade para que ela fosse digna de ser habitada. Atualmente verifica que os traços antigos em Macapá pouco foram preservados preocupou-se em modernizar as estruturas sem que deixasse vestígios, diferente de outras capitais brasileiras.

A igreja católica no período em que transita a Idade Média tinha o hábito de enterrar seus mortos dentro das igrejas sendo a principal detentora do monopólio dos sepultamentos. Segundo Philippe Ariès (2003), o cemitério penetra na cidade da seguinte forma: a separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades.

Rocha (2001 p. 12-13) enfatiza que nos estudos de Philippe Ariès no qual trazem extensas discursões sobre as relações do homem com a morte no Ocidente Cristão. De acordo com ele o homem desvela suas relações com a própria vida através das cerimônias que envolvem a morte e das demais práticas a elas relacionadas, bem como com os gestos e rituais que costumam acompanhá-la. Essas relações variam de acordo com as sociedades e as temporalidades, desde períodos nos quais a morte foi temida, quando os homens evitavam até mesmo a vizinhança dos cemitérios adentram os perímetros urbanos e a vida das pessoas nascendo, assim, uma certa conveniência entre vivos e mortos. Os cemitérios tornavam-se, assim, espaços de sociabilidade, por onde circulava a população, e não apenas lugares de enterros. Uma vez construídos nas franjas das igrejas, faziam parte das atividades religiosas.

A igreja católica na Idade Média ficou sendo a instituição responsável pelos sepultamentos onde operavam os próprios cemitérios. Isto gerava a mesma, uma espécie de imposto na qual os familiares eram obrigados a pagar para serem acomodados próximos dos santos e de Cristo o que seriam benéficos ao morto estando diante de ambas às figuras que fundamentava o cristianismo e segundo eles os aproximava de Deus. Na Idade Média, havia uma hierarquização em distintos períodos o que mostra uma relação entre pobres e ricos modelos pelos quais os funerais inseridos dentro das igrejas eram recorrentes mais que privilegia a camada rica da sociedade que faziam valer seu status social e de pagamentos para angariar vagas que privilegiasse os fúnebres dentro das instituições. João José Reis (1991) explica que:

Ser enterrado na igreja era também uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida. Eles residiam no centro de decisões da comunidade, decisões que testemunhavam e que talvez propiciassem.

As relações entre mortos e vivos começam a se misturar e incomodar, o mau cheiro e o alto índice de doenças provocadas pelos cadáveres chama atenção dos médicos sanitaristas que serão os principais defensores que tal prática seja extinto das cidades. Utilizando-se das palavras de SILVA (2005) o século XIX foi marcado pela preocupação de urbanização e higienização. Caracterizou-se por um período em as teorias médicas ganham força. Os médicos dividiram-se quanto às formas de cura e das prevenções de epidemias que grassavam nos oitocentos. Mediante ao forte sentimento de civilização a igreja cada vez mais vai sendo sufocada por esses ideais de cemitérios extramuros. Opção essa que mexia com os aspectos

religiosos como também com o econômico era prática que dava a igreja um alto lucro onde a mesma negava-se em abrir mão. A resistência da igreja foi desarticulada com a proclamação da República influenciada por ideias liberais a instituição religiosa nesse momento está destituída de poder até das questões inerente ao cemitério isso em nível nacional é evidente que os enterros ainda aconteceram mais de forma que não resistirá por muito tempo. A resistência da igreja foi desarticulada com a proclamação da República influenciada por ideias liberais a instituição religiosa nesse momento está destituída de poder até das questões inerente ao cemitério isso em nível nacional é evidente que os enterros ainda aconteceram mais de forma que não resistirá por muito tempo.

Compreende que o estudo relacionado às relações do homem com a morte é instigante, pois é um fato que ganhou uma ampla dimensão nos estudos científicos quebrando paradigmas. Procuramos situar nossa pesquisa no limiar da história social e das mentalidades a respeito das diversas atitudes e sensibilidades com a morte por compreender que o assunto é bastante estudado principalmente por estudiosos franceses o que também se insere no Brasil com os estudiosos que tratam da temática.

O objetivo geral do trabalho é compreender como os espaços urbanos e sociais foram sendo transformados no decorrer do tempo e o estranho silêncio da sociedade macapaense sobre o “Largo dos Inocentes” um antigo cemitério de crianças que existiu no centro de Macapá no século XIX.

Assim os objetivos específicos se constroem na seguinte forma:

- A- contribuir para a historiografia amapaense;
- B- Fomentar novas discussões e questionamentos a respeito das relações do homem com a morte no século XXI e XX;
- C- Contextualizar a História do Amapá na década de 1920 aos nossos dias no que diz respeito ao centro antigo de Macapá;
- D- Analisar se o “Largo dos Inocentes” foi mesmo um cemitério e o porquê da ausência de informação a respeito do local;
- E- Discutir como a sociedade principalmente os que vivenciaram o período veem o tratamento dado à História do “Largo dos Inocentes” hodiernamente;

F- Verificar quais os procedimentos que o governo e o IPHAN vêm articulando para a transformação do ambiente em patrimônio Histórico.

Desse modo as hipóteses dialogam da seguinte forma:

A- Observa-se que ao longo das décadas a História do “Largo dos Inocentes” foi suprimida com a ausência de uma historiografia que aborde especificamente as relações sociais presentes no centro de Macapá no final do séc. XIX e início do séc. XX;

B- No Brasil as relações do homem com a morte estiveram por muito tempo concentrada nas mãos da igreja católica onde, por sua vez modificou tais relações até quando ocorre a secularização dos cemitérios, servindo de empecilho no seu modelo de atuação;

C- Analisa-se que houve um significativo avanço da historiografia amapaense, porém, as relações de patrimônio histórico de alguns órgãos antigos ainda permanecem sem uma escrita, caso do “Largo dos Inocentes”;

D- Ainda no Amapá permanece uma grande incógnita se realmente atrás da igreja São José funcionou um cemitério de crianças, o que de fato há é a forte presença na mente das pessoas da existência do mesmo;

E- Compreende que as pessoas que vivenciaram tais fatos na antiga Macapá estão se perdendo ocasionados por vários motivos e aprofundando e afastando ainda a verdade dos fatos;

F-Verificar as mediações entre governo e IPHAN, para a preservação desse monumento, recuperar mesmo com modelos modernos a parte antiga do centro da cidade que funcionou e ainda permanece sendo banalizada por estas instituições que tem o papel de resguardar a história e memória que percorram décadas e hoje não são representadas na sociedade como parte de nossa identidade.

Desse modo, destacam-se abaixo os seguintes objetivos operacionais:

- ✓ Reconhecer através da fotografia os elementos sociais e culturais estabelecidos no centro da Macapá antiga, comparando com os depoimentos das pessoas entrevistadas.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

8

- ✓ Compreender através da memória que funciona como instrumento biológico cultural de identidade da história do tempo presente que acarreta de fato uma representação seletiva do passado.
- ✓ Analisar documentos da Cúria Diocesana em especial os arquivos do tombo que se constitui de um acervo riquíssimo de informações inerentes a história amapaense em variados aspectos.

Lista das Fontes:

Cúria Diocesana

- ✓ Documentos do tombo n° 01

IEPA

- ✓ Relatórios do IEPA da escavação que foi realizada no “largo dos Inocentes”.

Biblioteca Municipal

- ✓ Fotografias

Depoimentos

- ✓ Comunidade de depoimentos

Enfocaremos, sobretudo moradores atuais e ex-moradores do Largo dos Inocentes, ou familiares que tivera, contato com tal assunto. O objetivo é a utilização dos depoimentos desses indivíduos que conviveram ou convivem dando lugar para expor seus conhecimentos contribuindo desse modo, para a História amapaense, enquanto indivíduos que pensam, sentem, enfim, pessoas que contribuem para a transformação da história mesmo que a mesma encontra-se apenas nas lembranças.

Referências

AIRÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3° ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BORGES, Maria Elízia. **Arte funerária no Brasil 1890-1930**. Belo Horizonte: Ed./ Arte, 2002.

- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. 3º ed. São Paulo: companhias das Letras, 1994.
- CAMBRAIA, Paulo; LOBATO, Sidney. **Rios de Histórias: ensaios de história do Amapá e da Amazônia**. Rio de Janeiro. Editora multifoco, 2013.
- FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. Edusp. São Paulo, 1995.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: cia das Letras, 1991.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- PEREIRA, Julho Cesar Medeiros da Silva. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Garamond: IPHAN, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: contexto, 2007.
- PRIORE, Mary Del e VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: 4º ed. Ediouro, 2001.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROCHA, Maria Aparecida B.B. **Igrejas e cemitérios: as transformações nas práticas de enterramento na cidade de Cuiabá 1850 a 1889**. Tese de doutorado. Programa de pós Graduação em História do Instituto de ciências Humanas e Sociais. Departamento de História, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2001.
- SILVA, Érica Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do séc. XIX**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2005.